

*A HARMONIA VOCÁLICA EM DIALETOS DO SUL DO PAÍS:  
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA*

Luiz Carlos Schwindt (PUC-RS)

Este artigo resume os principais resultados de um estudo quantitativo das variáveis lingüísticas e extralingüísticas que operam na regra de elevação das vogais pretônicas *e* e *o*, seguidas por vogal alta em sílaba subsequente, nos dialetos falados em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A pesquisa permitiu constatar que a regra tem uso moderado nos dialetos estudados, acentuando-se à medida que se distancia do extremo sul do país, tendo, do ponto de vista lingüístico, como principal condicionador, a presença de uma vogal alta em sílaba contígua.

*1. Introdução*

O português antigo caracterizou-se pela instabilidade da vogal pretônica, deixando vestígios no português do Brasil. Essa instabilidade consiste na substituição variável das vogais *e* e *o* pelas respectivas vogais *i* e *u*, por exemplo, *mentira* ~ *mintira*, *sobrinho* ~ *subrinho*. Esse fenômeno recebe o nome de **harmonia vocálica**.

O objetivo imediato deste estudo foi verificar a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos no uso dessa regra. O trabalho orientou-se pela Teoria da Variação, iniciada por Labov (1966), que tem como premissa básica a possibilidade de sistematização de fenômenos variáveis.

A amostra foi constituída por 36 entrevistas - 12 informantes de cada capital que constitui o PROJETO VARSUL<sup>1</sup> (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba), perfilando um total de 5120 contextos (2993 para *e* e 2127 para *o*) e 2757 células (1603 para *e* e 1154 para *o*).

Os dados foram submetidos aos programas do PACOTE VARBRUL - um conjunto de programas descrito por Sankoff (1986, p. 15-29) e desenvolvido na *University of Pennsylvania* em outubro de 1984. Conforme Scherre (1992, p. 4), esse conjunto de programas tem o objetivo de implementar modelos matemáticos que ofereçam um tratamento estatístico a dados lingüísticos variáveis.

## 2. Definição das variáveis

### 2.1. Delimitação da variável dependente

Foram analisadas somente as pretônicas seguidas por vogal alta (*i* ou *u*) em sílaba subsequente presente até a sílaba tônica da palavra.

Em casos em que a mesma palavra possuía mais de uma vogal pretônica (ex. *pequeninho*), esta foi submetida a análises individuais para cada pretônica existente.

Quando a palavra possuía mais de uma vogal alta (ex. *medicina*), optou-se por analisar somente a primeira delas, baseado nos resultados de Bisol (1981), Silva (1989) e Callou, Leite & Coutinho (1991).

Foram descartadas as vogais constitutivas de ditongos, tanto no contexto de variação (ex. *coisinhas*) quanto no contexto motivador (ex. *sociedade*). Palavras deste tipo que aparecem na análise justificam-se por terem suas vogais pronunciadas, caracterizando hiato.

Da mesma forma, as pretônicas que constituem prefixos claramente identificáveis (do tipo *reorganizar*) não foram analisadas, por parecer que a maioria desses prefixos guarda relativa independência com respeito ao vocábulo fonológico de que fazem parte. Quando, porém, esses prefixos se incorporam à palavra, perdendo sua origem, a regra de harmonização vocálica parece atuar (ex. *retiro* ~ *ritiro*). O mesmo tratamento foi dado às palavras compostas (ex. *televisão*), por não se acreditar que a regra em estudo ultrapasse a barreira vocabular.

Por fim, ficaram fora da análise também as palavras iniciadas por *e* seguido de *N* ou *S*<sup>2</sup> (ex. *ensinar*, *explicar*), uma vez que essas estruturas têm sua elevação quase categórica.

### 2.2. Variáveis independentes

#### 2.2.1. Linguísticas

##### a) Homorganicidade das vogais

Utilizando-se um critério de avanço ou recuo da língua, as vogais foram classificadas em **homorgânicas** (*menino*, *costume*) e **não-homorgânicas** (*segunda*, *comigo*), a fim de examinar se ambas as vogais altas (*i* e *u*) atuavam indiscriminadamente sobre *e* e sobre *o*.

## b) Relação de vizinhança

A vogal alta foi examinada sob quatro aspectos: tônica imediata (cozinha), átona imediata (movimento), tônica não-imediata (pedacinho) e átona não-imediata (mentalidade).

## c) Nasalidade

As vogais costumam sofrer alteração de timbre quando nasalizadas, podendo ser abaixadas, centralizadas e, algumas vezes, centralizadas e abaixadas simultaneamente. Em função disso, dividiu-se a pretônica em **oral** (*seguir*) e **nasal** (*sentir*).

## d) Atonicidade da vogal candidata à regra

Considerando que a vogal candidata à elevação pode manter ou perder sua característica de átona durante o processo de derivação, estabeleceram-se três categorias: **átona permanente**, a vogal que mantém o *status* de átona (*bonita*), **átona casual**, a vogal que perde o acento ao longo da derivação (*medicina* < *médico*) e **átona sem status definido**, vogal que se realiza ora como média, ora como baixa, ora como alta (*ferir*, *feres firo*).

## e) Contexto fonológico

Tendo em vista que os segmentos que precedem e seguem a vogal podem exercer influência sobre a mesma, realizou-se a seguinte classificação:

Contexto precedente: **início de palavra precedido por pausa** (*##existe*), **consoante labial** (*felicidade*), **consoante alveolar** (*cerimônia*), **consoante palatal** (*divia* - em pronúncia do RS) e **consoante velar** (*comida*).

Contexto seguinte: **vogal em hiato** (*teatrinho*), **consoante labial** (*temido*), **consoante alveolar** (*vestir*), **consoante palatal** (*modista*), **consoante velar** (*alegria*), **líquida alveolar** (*feliz*, *moribundos*) e **R velar**<sup>3</sup> (*corrida*).

## f) Vogal alta em terminações

Incluiu-se esta variável a fim de verificar se a presença de uma vogal alta no sufixo favoreceria ou interceptaria a ação da regra. Foi utilizada a seguinte divisão: **vogal alta no radical** (*coruja*), **vogal alta em sufixos nominais** (*nortista*) e **vogal alta em sufixos verbais**<sup>4</sup> (*vendia*).

### 2.2..2. Extralingüísticas

A pesquisa utilizou as variáveis extralingüísticas adotadas pelo PROJETO VARSUL.

- a) Variedade geográfica: **Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.**
- b) Sexo: **homens e mulheres.**
- c) Faixa etária: **25 a 50 anos e mais de 50 anos.**
- d) Escolaridade: **primário, ginásio e secundário**

### 3. Resultados

Dentre as variáveis estudadas, o VARBRUL considerou relevantes, em ordem, os seguintes grupos de fatores:

**Para e:**

Contexto seguinte  
Relação de vizinhança  
Contexto precedente  
Atonicidade da V candidata à regra  
Escolaridade

Variedade geográfica  
Nasalidade  
Homorganicidade das vogais

**Para o:**

Relação de vizinhança  
Contexto precedente  
Nasalidade  
Contexto seguinte  
Atonicidade da V candidata à regra  
Variedade geográfica  
Escolaridade  
Vogal alta em terminações  
Homorganicidade das vogais  
Idade

Nesta seção apresentaremos, em primeiro lugar, os resultados das cinco primeiras variáveis lingüísticas escolhidas pelo VARBRUL e, logo após, das duas primeiras variáveis extralingüísticas. A ordenação adotada na apresentação não atende estritamente à seleção do programa por tentar conciliar os resultados de *e* e de *o*.

Cabe salientar que a discussão aqui apresentada não tem, neste momento, compromisso com teorias fonéticas ou fonológicas específicas, mas restringe-se a comparar alguns resultados com os de importantes trabalhos realizados nesta área.

#### 3.1. Variáveis lingüísticas

- a) Relação de vizinhança

**Tabela 1**  
Relação de Vizinhança

Fatores	E	O
Tônica imediata (bonita)	836/1713 = 49% 0,65	572/939 = 61% 0,79
Átona imediata (convidado)	246/ 864 = 28% 0,40	159/770 = 21% 0,37
Tônica não-imediata (relativo)	32/ 279 = 11% 0,13	41/327 = 13% 0,13
Átona não-imediata (repartição)	27/ 130 = 21% 0,24	5/ 84 = 6% 0,08
	input: 0,33	input: 0,27

Observando-se a Tabela 1, constata-se que, comparativamente, as vogais altas imediatas têm maior poder de elevar a pretônica do que as vogais altas não-imediatas. No âmbito das imediatas, porém, o fator tonicidade mostra-se significativo, apresentando números consideravelmente superiores aos de sua contraparte átona.

Esses resultados assemelham-se aos de Bisol (1981) e de Silva (1989) e permitem formular as seguintes considerações: 1° a elevação das médias pretônicas está condicionada à presença de uma vogal alta contígua e 2° a tonicidade tem papel secundário na regra, ou seja, ela só influencia se for satisfeita a condição de contigüidade.

b) Contexto fonológico precedente e seguinte

**Tabela 2**  
Contexto Precedente

Fatores	E	O
Cons. alveolar (cerimônia)	510/1469 = 35% 0,43	151/466 = 32% 0,34
Cons palatal (divia)	71/ 185 = 38% 0,42	7/ 15 = 47% 0,67
Cons. labial (felicidade)	274/ 728 = 38% 0,55	278/555 = 50% 0,57
Cons. velar (comida)	145/ 348 = 42% 0,57	335/930 = 36% 0,65
pausa (# equilíbrio)	141/ 256 = 55% 0,72	6/154 = 4% 0,05
	input: 0,33	input: 0,27

**Tabela 3**  
Contexto Seguinte

Fatores	E	O
Cons. alveolar (vestir)	543/1194 = 45% 0,61	269/638 = 42% 0,64
Liq. alveolar (feliz, moribundos)	180/ 652 = 28% 0,36	131/356 = 37% 0,38
Cons. palatal (modista)	156/ 433 = 36% 0,48	113/360 = 31% 0,58
Cons. labial (temido)	76/ 275 = 28% 0,46	238/548 = 43% 0,52
Cons. velar (alegria)	183/ 280 = 65% 0,84	17/113 = 15% 0,47
R velar (corrida)	2/ 139 = 1% 0,02	7/ 95 = 7% 0,04
Vogal (teatrinho)	1/ 13 = 8% 0,25	2/ 10 = 20% 0,21
	input: 0,33	input: 0,27

Com relação ao contexto fonológico, observaram-se alguns aspectos comuns à análise de ambas as pretônicas:

### *Alveolar*

Considerando que a alteração fonética que ocorre no processo de harmonia vocálica é uma alteração simplificadora (lei do menor esforço) causada por força da articulação de uma vogal alta seguinte, certamente as consoantes que possuem uma articulação alta exercerão um papel importante nesse processo, enquanto as demais tenderão a inibir a aplicação da regra. Nesse sentido, a consoante alveolar interceptaria a ação do condicionador, em função de sua articulação não ser alta.

Os resultados de nossa pesquisa confirmaram essa hipótese no contexto que precede a vogal pretônica. No contexto seguinte, porém, foi estabelecida uma subclassificação: **alveolares** (*s, z, t, d*) e **líquidas alveolares** (*l, r*), pois suspeitava-se que essas consoantes teriam um papel diferenciado na aplicação da regra. Os resultados confirmaram a suspeita, apresentando números significativos para as alveolares não-líquidas e números muito baixos para as líquidas. Isso talvez explique o desequilíbrio entre os resultados de Bisol (1981), Silva (1989), Callou, Leite & Coutinho (1991) e o presente estudo, uma vez que essas autoras analisaram todas as alveolares em um único fator.

*Palatal*

Apesar de a consoante palatal possuir uma articulação alta, ela apresenta valores diferenciados para *e* e para *o*, tanto no contexto precedente quanto no contexto seguinte. Pela simples leitura dos números, seria possível afirmar que a palatal favorece a elevação de *o* e desfavorece a de *e*. Há, porém, no contexto precedente da vogal posterior, certa escassez de dados (7/15), sendo que 6 dessas ocorrências estão ligadas ao mesmo item lexical (a palavra *chuvia*). Tal característica não foi verificada, porém, no contexto seguinte.

Essa constatação encontra eco no trabalho de Bisol (1981, p. 95) e de Silva (1989, p. 160) que viram a palatal como interceptadora da regra de *o* no contexto precedente e próxima do ponto neutro no contexto seguinte.

A partir dos números e das considerações acima, não parece possível atribuir papel significativo à consoante palatal na amostra estudada.

*Labial*

Com relação à altura da língua no momento da articulação, não se esperava desta consoante um papel significativo na elevação das pretônicas *e* e *o*. Isso se confirmou em nossos resultados, que se aproximam muito da neutralidade.

Baseando-se em Mota (1979) e Bisol (1981), tinha-se a hipótese de que o traço de labialidade pudesse atingir a vogal *o* em função de sua articulação [+arr], provocando um maior arredondamento, o que resultaria em sua elevação. De fato, os resultados possuem números mais altos para a vogal *o* do que para a vogal *e*, porém com uma diferença muito pequena que não nos permite reforçar tal conclusão.

*Velar*

Foi verificado que a consoante velar favorece a elevação de *e* em ambos os contextos e de *o* apenas em contexto precedente.

Isso confirma parcialmente a hipótese de que a consoante velar, por caracterizar-se articulatoriamente pela elevação do dorso da língua, propiciaria a elevação da pretônica, tendo igual comportamento para ambas as vogais. Esses resultados coincidem com os encontrados por Bisol (1981).

Esse fator, à semelhança das alveolares, também sofreu uma subclassificação: separaram-se as consoantes velares (*k* e *g*) da fricativa velar (*R*), pois suspeitava-se que essa consoante também se comportaria de for-

ma diferenciada. Isso se confirmou, pois as pretônicas se elevaram em itens lexicais com características muito específicas.

*Pausa*

Observou-se uma discrepância entre os números encontrados para essa variável em relação a *e* (0,72) e *o* (0,05). Os resultados chamaram a atenção por parecer não haver hipótese na literatura para o *e* inicial (exceto em *EN* e *ES*, cf. seção 2.1). Esse grupo de fatores merece um reestudo em trabalho posterior, onde se segmente mais o contexto da vogal inicial.

*Pretônica seguida de vogal*

Essa variável é caracterizada pelas vogais em hiato. Os números muito baixos permitem afirmar que esse contexto motiva a preservação da vogal média no dialeto estudado. Parece-nos que a elevação dessa vogal não é regida pelos mesmos princípios que elevam as pretônicas nos demais contextos, estando, talvez, ligada a características específicas de alguns itens lexicais.

c) Nasalidade de vogal candidata à regra

**Tabela 4**  
Nasalidade

Fatores	E	O
Orais (perigoso)	966/2515 = 38% 0,52	721/1673 = 43% 0,63
Nasais (nenhum)	175/ 471 = 37% 0,42	56/ 447 = 12% 0,12
	input: 0,33	input: 0,27

Na tabela 4 sobressaem-se os valores concernentes às vogais orais *e* e *o*, tendo esta um número mais expressivo. Todavia, entre as nasalizadas, a vogal anterior apresenta pesos relativos superiores aos da posterior.

Conclui-se, portanto, desses resultados, que para os dialetos estudados, a regra aplica-se principalmente às vogais orais, embora, compara-



tivamente, a nasalidade influencia mais a elevação de *e* do que a elevação de *o*.

d) Atonicidade da vogal candidata à regra

**Tabela 5**  
Atonicidade

Fatores	E	O
Átona permanente (segunda)	778/2095 = 37% 0,51	616/1752 = 35% 0,53
Status indefinido (querer, quero, quis, queriam)	323/ 615 = 53% 0,60	144/ 215 = 67% 0,56
Átonas casuais (América, americanos)	40/ 276 = 14% 0,21	17/ 153 = 11% 0,15
	input: 0,33	input: 0,27

Pode-se afirmar, quanto ao caráter de atonicidade, que a elevação da pretônica não encontra obstáculos nas vogais átonas permanentes e nos casos de átonas sem status definido. No caso destas, a elevação da pretônica deve-se, sobretudo, à abundância de vogais altas nos paradigmas dos verbos de 3<sup>a</sup> conjugação e irregulares da 2<sup>a</sup>. O mesmo não ocorre com as átonas casuais, que parecem prejudicar a ação da regra. Isso pode estar ligado ao fato de o acento subjacente, em alguns casos, manifestar-se como secundário na derivação.

### 3.2. Variáveis extralingüísticas

a) Escolaridade

**Tabela 6**  
Escolaridade

Fatores	E	O
Primário	388/ 938 = 41% 0,56	311/742 = 42% 0,61
Ginásio	396/ 951 = 42% 0,54	290/702 = 41% 0,53
2° Grau	357/1097 = 33% 0,41	176/676 = 26% 0,36
	input: 0,33	input: 0,27

Embora com números próximos do ponto neutro, parece possível inferir que a regra sofre algum controle da ortografia.

b) Variedade geográfica

**Tabela 7**  
Variedade Geográfica

Fatores	E	O
Porto Alegre	289/ 865 = 33% 0,43	175/605 = 29% 0,39
Florianópolis	448/1184 = 38% 0,49	280/809 = 35% 0,45
Curitiba	404/ 937 = 43% 0,58	322/706 = 46% 0,65
	input: 0,33	input: 0,27

Observa-se, pela tabela 6, que a regra é mais usada à medida que nos afastamos do extremo Sul do País. Talvez as etnias que compõem os dialetos em questão ofereçam uma explicação para o fato.

#### 4 Conclusão

A regra de harmonia vocálica apresenta sistematicidade, o que permite considerá-la uma regra gramatical. A variação parece ser mais freqüente pela ação conjugada de vários fatores, sendo a presença de uma vogal alta em sílaba contígua o principal condicionador. Constatou-se, ainda, que se trata de uma regra estável, que não parece ser estigmatizada socialmente.

Esta pesquisa está recebendo continuidade em tese de doutorado, através da ampliação da análise sociolinguística e da análise dos resultados à luz da fonologia não-linear.

#### Notas

- 1 VARSUL - Projeto Variação Lingüística do Sul do País, sediado na UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS.
- 2 *N* e *S* são tomados aqui como arquifonemas.
- 3 A segmentação das alveolares (consoante alveolar e líquida alveolar) e das velares (consoante velar e *R* velar) foi feita com base em pressuposições teóricas (da fonologia) que serão tratadas em trabalho futuro.

- 4 Para fins de classificação, quando os sufixos podiam indicar participio do verbo ou adjetivo, optou-se por incluí-los na categoria dos sufixos nominais.

### 5 Referências Bibliográficas

- BISOL, Leda. Harmonia vocálica: uma regra variável. Tese (doutorado em Lingüística) Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1981. 335 p.
- CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne & COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. In: Organon. Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.
- LABOV, William. The social stratification of English in New York City. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- MOTA, Jacyra. Vogais antes de acento em Ribeirópolis - SE. Dissertação (mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal da Bahia, 1979.
- SANKOFF, David. VARBRUL programs. 1986. 33p. (não-publicado).
- SCHERRE, Maria M. Pereira. Introdução ao PACOTE VARBRUL para micro-computadores. UFRJ e UFB, 1992. 55p. (não-publicado).
- SILVA, Myrian B. da. As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador. Tese de doutorado. UFRJ, 1989, 374 p.